Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte A crítica
Data 18/11/2000 Pg C4
Class. 1.5

BACIA DO RIO NEGRO

Índios ajudam pesquisas

PROJETOS TÊM QUE SE ADAPTAR À AUTO-SUSTENTAÇÃO

SEMINÁRIO EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA ANALISA A NECESSIDADE DE INTEGRAÇÃO ENTRE OS PESQUISADORES E AS ETNIAS REGIONAIS

ANA CELIA OSSAME
ENVIADA ESPECIAL

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM – Mais de 40 pesquisadores de várias áreas de conhecimento, como antropologia, biologia, botânica e arqueologia, vinculados a diversas instituições já iniciaram um diálogo inédito com os representantes indígenas de várias etnias do rio Negro. No 1º Seminário de Pesquisa, que terminou ontem, projetos na área de ecologia, uso e conservação de recursos biológicos; saúde e nutrição; cultura, língua e educação foram apresentados pelos pesquisadores e debatidos pelos representantes indígenas que, no final, fizeram recomendações aos autores das pesquisas.

O evento é uma realização do Instituto Socioambiental (ISA) e da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), que desenvolvem um programa visando formular, criar condições e colaborar para a implantação de um programa de desenvolvimento sustentável na bacia do rio Negro, cuja população está estimada em 35 mil pessoas de 23 povos indígenas diferentes, informa o coordenador do programa do ISA no rio Negro, Carlos Alberto Ricardo.

A proposta, segundo Ricardo, é conhecer os projetos, permitir o intercâmbio e criar uma agenda que interesse tanto aos pesquisadores quanto às comunidades indígenas. "Queremos abrir o diálogo cruzado entre os índios e os pesquisadores", disse ele, salientando as recomendações para as pesquisas dirigidas.

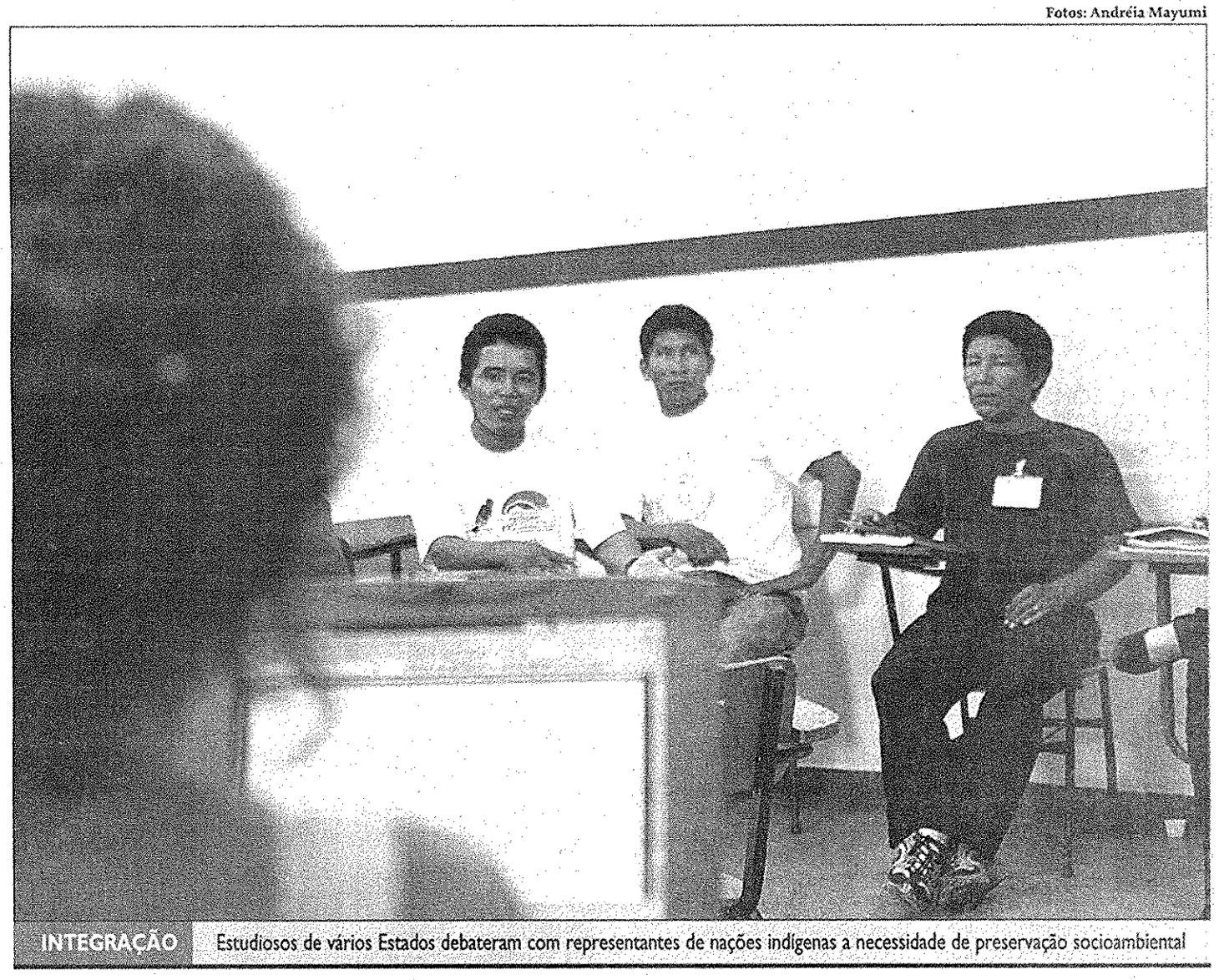
MITO X PESQUISA

O presidente da Foirn, Pedro Garcia, destacou como importante a idéia de dar conhecimento das pesquisas que estão sendo realizadas e dos resultados das mesmas às comunidades indígenas. Com esse conhecimento, segundo ele, será possível conhecer o que está sendo feito e elaborar propostas para conciliar o conhecimento tradicional dos povos da Região do Rio Negro, com a sua mitologia e as pesquisas científicas. "É importante poder associar os conhecimentos milenares dos nossos povos com o da ciência e, a partir daí, elaborar uma agenda de desenvolvimento sustentável para a região", explicou.

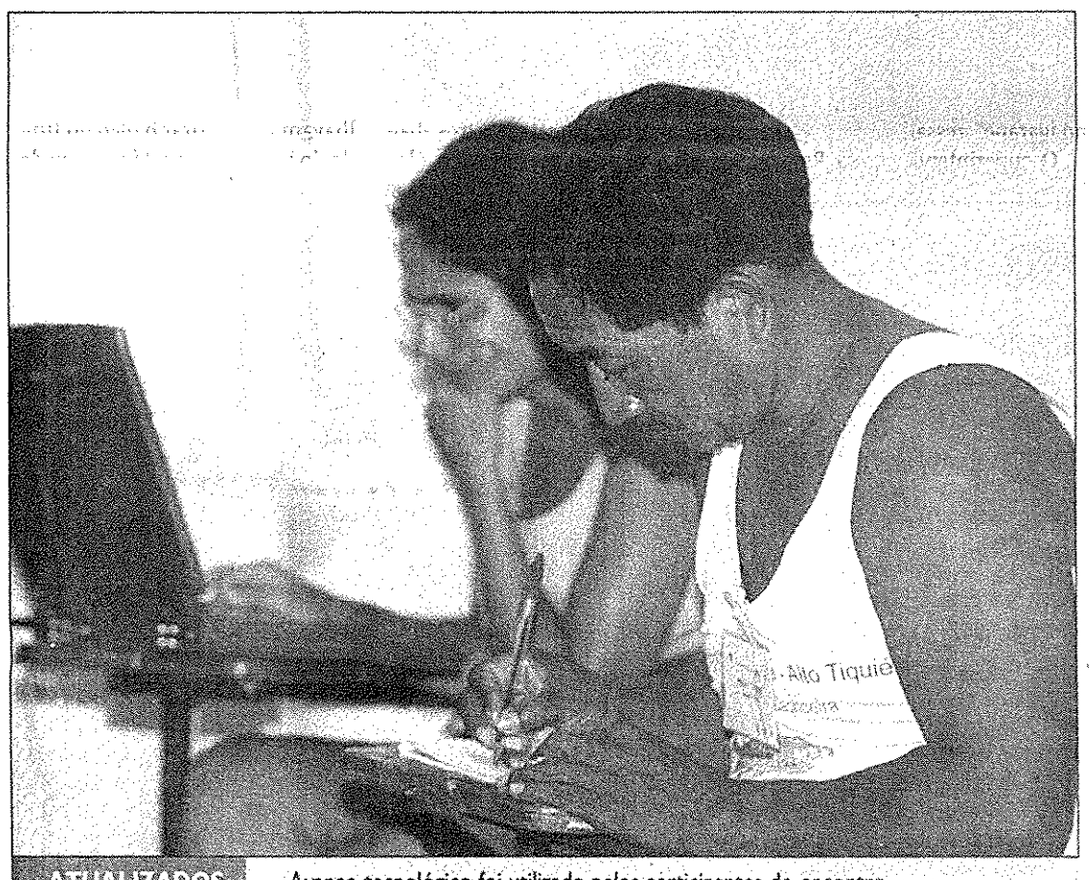
Nos debates foi discutido o projeto de demografia dos povos indígenas do rio Negro, feito pela antropóloga Marta Azevedo, cuja pesquisa, iniciada em 1992, procura demonstrar as relações entre o perfil demográfico dos povos indígenas da região e sua organização social e ocupação territorial.

Marta coordenou o recenseamento em 363 comunidades, anotando informações como idade, sexo, número de filhos, escolaridade, etnias, doenças, causa de morte, infra-estrutura e outras informações que vão fundamentar sua tese de doutorado em demografia.

Fotos: Andréia Mayumi



INTEGRAÇÃO Estudiosos de vários Estados debateram com representantes de nações indígenas a necessidade de preservação socioambiental



ATUALIZADOS Avanço tecnológico foi utilizado pelos participantes do encontro

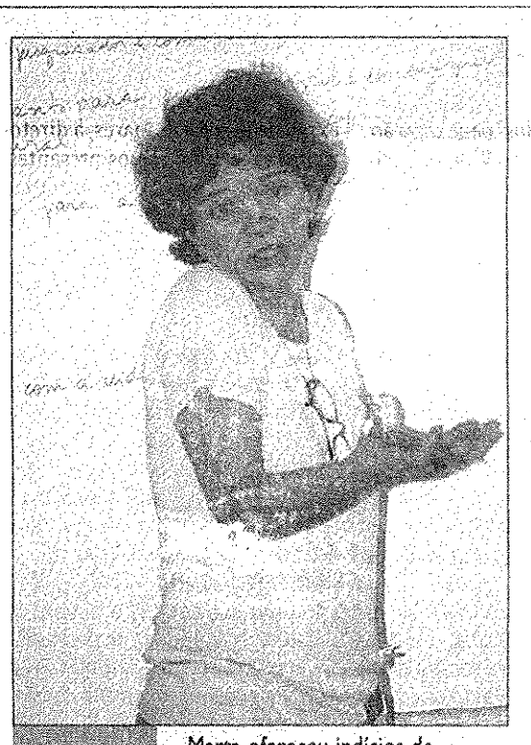
RECURSOS NATURAIS

Qualidade de vida deve ser cuidada

Dentre as descobertas importantes do censo, segundo Marta Azevedo, estão o índice quase zero de analfabetismo e o número reduzido de crianças com distorção série/idade.

Com base nos dados da pesquisa, descobriu-se a necessidade de se ter projetos para melhorar a qualidade de vida na comunidades, como os voltados para a piscicultura, revelou a pesquisadora que, com este trabalho, defenderá o título de doutorado em São Paulo.

O trabalho de Marta Azevedo tem sido importante para direcionar as ações da Foirn, afirma o diretor da entidade, Bonifácio José Baniua, 36. Com as informações do censo, descobriu-se que na região do rio Içana, não havia um agente de saúde além daqueles levados pelas missões religiosas. "A Prefeitura de São Gabriel só chegava em 30% do rio, ignorando o restante das comunidades", disse ele. Hoje, existem mais de 40 agentes de saúde atuando na área. A falta de escolas foi outro problema solucionado. À época da pesquisam, nas 80 comunidades só havia 14 escolas, mas agora existem mais de 40. O censo, segundo Bonifácio, deu visão à Prefeitura para agir. "Embora ainda faltem escolas e agentes de saúde, antes nem se sabia o que era preciso reivindicar do poder público", afirmou.



ESTUDO Marta ofereceu indícios de como melhorar vida indígena